

FOLHA DE S.PAULO \*\*\*

# **mund o**



**GOVERNO EMPRESTA AVIÃO DA FAB PARA MINISTRO DE PUTIN SE ENCONTRAR COM LULA**  
Sergio Lavrov estava no Rio de Janeiro para a reunião de chanceleres do G20; a previsão era que ele se deslocasse para Brasília no avião oficial do governo russo, mas a empresa responsável por abastecimento na capital federal não poderia fornecer combustível devido a sanções impostas pelos Estados Unidos devido à Guerra da Ucrânia

Ricardo Stuckert/FP

## **Brasil encerra etapa do G20 sob contestação da Rússia**

Chanceler de Moscou, alvo de críticas em encontro, questiona papel do grupo

Italo Nogueira  
e Camila Zurar

**RIO DE JANEIRO** O ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, encerrou nesta quinta-feira (22) a primeira reunião de chanceleres do G20 sob presidência do Brasil com a Rússia tentando esvaziar o poder político do grupo para dar margem às tensões globais. Vieira fez um breve relato sobre as discussões travadas entre quarta (21) e quinta-feira (22) na Marina da Glória, no Rio de Janeiro, os jornalistas presentes não puderam fazer perguntas. Segundo o chanceler, os países-membros econômicos "externaram suas posições sobre o papel do G20 em relação às tensões em curso".

A fala do brasileiro expôs a falta de consenso até sobre o papel do grupo de debater as guerras em curso, em especial na Faixa de Gaza e na Ucrânia — este último completa dois anos no próximo sábado (24).

Essa posição foi externalizada pela chanceler da Rússia, Sergey Lavrov. "Não creio que no G20 encontremos soluções para os desafios e ameaças à segurança global", afirmou, segundo o discurso divulgado por Moscou. Antes do encontro, Lavrov já havia criticado o que chamou de "politização do G20" por abordar a Guerra da Ucrânia.

"A delegação russa pretende chamar atenção dos países para a inaceitável politização do G20, que está planejado para se concentrar estritamente nos desafios socioeconômicos. A inclusão de ques-

tes não essenciais, incluindo a questão ucraniana, na agenda do G20 por instigação do Ocidente é destrutivo", afirmou o chefe da diplomacia de Vladimir Putin, acrescentando que o grupo deve se recusar a utilizar "a economia como arma" — uma referência às sanções impostas contra Moscou.

Por sua vez, o ministro das Relações Exteriores da França, Stéphane Séjourné, fez duas críticas à Rússia durante seu discurso na quinta. O francês disse que o grupo precisa evitar a desunião, apesar de "certos membros estarem agindo contra o G20" — uma referência pouco velada a Moscou.

No abertura do encontro, Vieira havia buscado deixar o G20 como um espaço mais livre para o debate entre as lideranças mundiais sobre as tensões globais. "Esse grupo é, possivelmente, o fórum mais importante onde países com visões opostas ainda conseguem sentar à mesa e ter conversas produtivas sem necessariamente carregar o peso de posições arraigadas e rígidas que têm impedido avanços em outros fóruns, como o Conselho de Segurança das Nações Unidas", afirmou ele na quarta-feira.

Como em outros encontros multilaterais, Lavrov foi o principal alvo de críticas presenciais durante os debates. De acordo com Vieira, "vários países reiteraram a condenação à Guerra da Ucrânia, como tem acontecido desde de 2022". Não houve nenhuma outra menção ao conflito no Leste Europeu no discurso do chanceler brasileiro.

O relato do ministro se concentrou nos debates em relação à guerra Israel-Hamas. Como esperado, Vieira não fez comentário sobre a crise diplomática entre Brasília e Tel Aviv, cujo gatilho foi a fala do presidente Lula comparando a ofensiva israelense em Gaza ao Holocausto nazista.

O chanceler citou, porém, a preocupação de membros do G20 com a possibilidade de alastramento do conflito para países vizinhos. E relatou manifestações pela libertação de reféns em poder do grupo terrorista e críticas ao deslocamento forçado de palestinos para o sul da Faixa de Gaza — Tel Aviv planeja uma nova

operação na cidade de Rafah, na fronteira com o Egito, onde está abrigada a maior parte dos deslocados internos do conflito, o que pode aumentar o número de civis mortos.

Segundo Vieira, há uma "virtual unanimidade" no G20 em favor da solução de dois Estados como caminho para a paz entre israelenses e palestinos. O ministro também disse que houve concordância em relação às prioridades estabelecidas pelo Brasil durante a presidência temporária do grupo: combate à fome, desenvolvimento sustentável e reforma da governança global. Em relação ao último tema, Vieira disse que todos concordaram que as instituições multilaterais "precisam de reforma para se adaptarem aos desafios do mundo atual".

Ele disse também ter havido consenso quanto à necessidade de reforma da ONU, principalmente do Conselho de Segurança. O desafio, porém, é a diferença entre as propostas.

Após o fim do encontro, os diplomatas que participaram das conversas e que foram ouvidos pela Folha apontaram que o encontro desta semana serviu mais como um pontapé inicial para debater as reformas dos organismos internacionais do que algo que trará um resultado concreto a curto prazo.

O G20 é o grupo que reúne as 19 maiores economias do mundo, além da União Europeia e da União Africana. A reunião dos chanceleres foi a primeira ministerial sob a presidência do Brasil, que terminou em novembro deste ano.

## **Filho de palestino, Omar Aziz vê oportunismo em críticas a presidente**

Thaís Oliveira

**BRASÍLIA** O senador Omar Aziz (PSD-AM) disse à Folha ter sido pego de surpresa com a decisão do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), de cobrar publicamente uma reatuação do presidente Lula (PT) pela comparação entre a situação de palestinos na Faixa de Gaza à de judeus no Holocausto.

Antes que o líder do governo, Jaques Wagner (PT-BA), pudesse responder à cobrança de Pacheco na sessão de terça (20), Aziz pediu a palavra e rebateu a presidente da Casa e questionou qual tipo de poder seria usado se 20 mil pessoas morressem em Gaza, segundo números do Ministério da Saúde local, controlado pelo Hamas.

"Foi realmente uma surpresa para mim, o presidente [Pacheco] — pelo equilíbrio que ele tem, pela ponderação que tem, sempre teve — trazer aquilo à tona e dizer que o presidente Lula titula que pedir desculpas", afirma o senador.

"Até porque ele tem uma relação muito próxima com o presidente. Podia ter ligado: 'Presidente, vamos separar o joio do trigo. Há aqui uma coisa, esse governo sionista é outro'. Podia ter feito isso. Um amigo faz isso com outro amigo".

A fala de Aziz chamou atenção no plenário do Senado e repercutiu nas redes sociais. Filho de pai palestino e mãe brasileira, o senador usa as palavras "chacina, genocídio e massacre" para descrever a situação na Faixa de Gaza.

"Você vai dizer que o Hamas não fez um ato terrorista? Fazer sim. Condenar quem condena. Agora, você não pode jogar bomba em cima de crianças, mulheres, inocentes, para matar um dos terroristas. Porque até hoje eles não disseram quantos terroristas mataram. Ah, mata 30 mil pessoas e se pagar 12 terroristas está bom".

A agência de notícias Reuters não oficial do Hamas não baseado no Qatar forneceu nesta semana um número usualmente não notado publicamente: disse que ao menos 6.000 membros da facção morreram em quatro meses de guerra.



O senador Omar Aziz (PSD-AM) Pedro Lobato - 27 jan. 2023/Alamy

O senador também diz ver oportunismo político da direita nas críticas feitas a Lula após a declaração controversa e afirma que não houve "esse histerismo todo" quando Jair Bolsonaro (PL) recebeu uma líder da ultradireita alemã neta de um ministro nazista. O parlamentar se refere ao encontro do então presidente com Beatrix von Sotthorff em 2022. A política é neta de Lutz Graf Schwerin von Krosigk, ministro das Finanças na Alemanha nazista.

"Bolsonaro disse que o Holocausto poderia ser perdoado, mas não esquecido. Como é que é isso? Me explica. E ninguém fez essa história toda. Vai perdoar o Holocausto? Pergunte se algum judeu perdoou o Holocausto", afirma Aziz.

"A minha fala é muito clara em relação a isso. Todo respeito ao povo judeu, que sofreu. Mas não dá para respeitar um governo sionista de direita que, para se manter no poder, quer exterminar a população de Gaza".

Aziz diz que "não dá" para Lula pedir desculpas ao governo de Benjamin Netanyahu, e condena a declaração da ministra da Igualdade Social e Empoderamento Feminino de Israel, Miri Golan. Na segunda (20), Golan afirmou que está "pessoalmente orgulhosa das ruínas em Gaza".

O senador conta que seu pai, Muhammad Abdel Aziz, chegou ao Brasil sozinho, em 1957, aos 17 anos de idade. Da Bahia, onde havia desembarcado, ele seguiu para o interior de São Paulo e conheceu Delina Aziz, brasileira filha de italiano.

"Ele sabia que no Brasil tinha oportunidade para trabalhar, e foi trabalhar como mascate. Ele andava com duas malas de fazenda em fazenda. E meu avô era dono de um cafezal no interior de São Paulo, em Garça. Foi lá que meu pai conheceu minha mãe", conta.

"Vi meu pai sofrer muito. Até porque nós perdemos muitos parentes nessa guerra que vem desde a década de 1950. Eu vi meu pai muitas vezes sofrer, mas nunca vi meu pai dizer que tinha que exterminar alguém. Ele sempre disse: a melhor coisa é o entendimento. É paz. Foi o que aprendi com ele".

Bruno Maron

## **CRÍTICA ESPECIALIZADA EM HOLOCAUSTO**



## **Israel bombardeia Rafah em meio a negociações**

**AFP** Os mediadores internacionais continuam com os esforços para chegar a um acordo de trégua na Faixa de Gaza entre o grupo terrorista Hamas e Israel, que nesta quinta (22) voltou a bombardear a cidade de Rafah, no sul do território palestino. Segundo o Ministério da Saúde do Hamas, que governa Gaza, 97 pessoas morreram nos bombardeios em 24 horas.

Para tentar romper o impasse nas negociações, estava prevista para esta quinta-feira a visita a Israel do assessor do presidente dos EUA para o Oriente Médio, Brett McGurk,

que fez uma escala no Egito, onde também esteve esta semana o chefe do braço político de Hamas, Ismail Haniyeh. A comunidade internacional acompanha com preocupação a situação dos mais de 1,5 milhão de palestinos abrigados em Rafah, a maioria deles deslocados pela guerra.

O premiê israelense, Benjamin Netanyahu, anunciou uma próxima ofensiva terrestre nesta cidade, que considera o "último reduto" do Hamas, para libertar reféns sequestrados pelos terroristas na sua ofensiva de 7 de outubro no sul de Israel.

Israel lançou uma série de ataques aéreos contra Rafah e Khan Yunis na noite de quarta-feira, alguns quilômetros mais ao norte. "Acordar com o som de uma grande explosão, como um terremoto. Havia chamas, fumaça, explosões e poeira por toda parte", disse Rami al-Shaer, 21, à AFP.

A situação humanitária é especialmente alarmante no norte do território, segundo o Programa Mundial de Alimentos (PMA), que na terça-feira (20) foi obrigado a suspender o envio de ajuda devido à "violência" e ao "caos" que prevalecem na região.